

**REVERSIBILIDADE E LEGITIMIDADE DISCURSIVAS NA CRÔNICA
DIFÍCIL PROVA DE AMOR, DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO**

Victor Hugo da Silva Vasconcellos
Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa/ PUC-SP

RESUMO

Nesse artigo, socializamos uma pesquisa cujo objetivo foi propor um exercício de análise sobre o discurso literário amoroso por meio de duas categorias: a Reversibilidade Discursiva e a Legitimidade Discursiva na crônica "Difícil prova de amor" de Ignácio Loyola Brandão. Tomando a Análise do Discurso de linha francesa, principalmente os estudos de Dominique Maingueneau e Eni Orlandi, além de contribuições do sociólogo Pierre Bourdieu, procedeu-se metodologicamente à análise dos trechos destacados na crônica e as suas principais marcas de Reversibilidade Discursiva e Legitimidade Discursiva.

Palavras-chave: Discurso amoroso. Reversibilidade discursiva. Legitimidade discursiva.

Introdução

Neste artigo, discutirei algumas categorias de análise no universo da linguística do discurso, mais precisamente na linha da Análise do Discurso de linha francesa. Os discursos são manifestações sociais e culturais de um povo ou Estado, que levam em sua constituição as inúmeras marcas ideológicas por meio das marcas linguísticas.

Mesmo o discurso literário não é a invenção de um discurso nem a representação de um discurso já proferido. O discurso literário é aproximação com o real e a repulsa dessa realidade social que o engendra de maneira original. Na literatura, é possível encontrar as mais diversas manifestações discursivas por meio de suas personagens, variando de acordo com o gênero desses textos e as engrenagens paratópicas.

Como corpus de análise, escolhi uma crônica, a fim de evidenciar o discurso e suas marcas linguísticas. Nessa narrativa curta, o discurso abordado é o discurso amoroso, cujo recorte é o amor de um casal heterossexual, isto é, entre um homem e uma mulher no final do século XX. O recorte faz-se necessário pois o Discurso Amoroso (doravante DA) pode manifestar-se com objetivos diversos e situações específicas, por exemplo, DA fraternal, maternal, espiritual, entre outros.

Meu objetivo neste artigo é propor um exercício de análise sobre o discurso literário amoroso por meio de duas categorias: a Reversibilidade Discursiva e a Legitimidade Discursiva, na crônica *Difícil prova de amor* de Ignácio Loyola Brandão.

A fundamentação teórica para o trabalho é a Análise do Discurso de linha francesa, principalmente os estudos de Dominique Maingueneau e Eni Orlandi, além de contribuições do sociólogo Pierre Bourdieu.

Como metodologia de trabalho, o texto será analisado e suas principais marcas de Reversibilidade Discursiva e Legitimidade Discursiva serão destacadas e discutidas. Os resultados serão confrontados com a teoria a fim de verificar se há o estabelecimento da Reversibilidade e da Legitimação discursivas na crônica por meio do enunciador.

Reversibilidade Discursiva

Reversibilidade Discursiva é uma categoria abordada por Eni Orlandi (1983), em cuja visão a reversibilidade ocorre quando há a troca de turnos na interação e o discurso se constrói não apenas com uma voz que assume o papel de locutor. Nas palavras da pesquisadora (ORLANDI, 1983, p. 214),

pela noção de reversibilidade, proponho não fixar de forma categórica o locutor no lugar do locutor e o ouvinte no lugar do ouvinte. Em minha perspectiva, esses polos, esses lugares, não se definem em sua essência, mas quando referidos ao processo discursivo: um se define pelo outro, e, na sua relação, definem o espaço da discursividade.

Para Orlandi, o discurso é estabelecido nessa interação, nessa troca de papéis, nesse processo de troca na interlocução a fim de que o discurso seja construído de maneira progressiva.

A análise vai discutir se o DA vale-se da Reversibilidade para se efetivar. Para isso, é necessário verificar como o espaço discursivo é construído, qual é o curso seguido pelo discurso, se há atualizações ou mudanças de rumo do discurso original, como o enunciador e o coenunciador lutam na cenografia.

Legitimidade Discursiva

A questão da Legitimidade Discursiva (doravante LD) é uma questão ampla que corresponde ao campo discursivo. Maingueneau (2012) incorpora as noções do sociólogo Pierre Bourdieu sobre campo, em que os atores instauram um discurso que cria um mundo possível, e esse mundo possível permite a criação desse enunciado. A discussão de Dominique Maingueneau (2012) diz respeito ao Discurso Literário, pois a cena da enunciação marca um posicionamento no campo, tornando possível seu enunciado. O enunciado, sendo possível, é aceito como obra literária e, portanto, é legitimado.

Bourdieu (2004), no capítulo Gênese e estrutura do campo religioso, aponta a legitimação desse campo (processo que pode ser transposto para outros campos). O processo de legitimação dá-se quando há o reconhecimento do discurso de um campo que o torna aceito e validado para, se não toda, uma parcela relevante da sociedade. Por meio das seguintes palavras do sociólogo, pode-se perceber esse processo (BOURDIEU, 2004, p. 48):

Por definição, a função genérica de legitimação não pode realizar-se sem que antes esteja especificada em função dos interesses religiosos ligados às diferentes posições na estrutura social. Isso ocorre pelo fato de que o interesse religioso naquilo que ele tem de pertinente para a sociologia, a saber, o interesse que um grupo ou uma classe encontra em um tipo determinado de prática ou de crença religiosa e, sobretudo, na produção, reprodução, difusão e consumo de um tipo determinado de bens de salvação (dentre os quais a própria mensagem religiosa), é função de reforço que o poder de legitimação do arbitrário contido na religião considerada pode trazer à força material e simbólica possível de ser mobilizada por este grupo ou classe ao legitimar as propriedades materiais ou simbólicas associadas a uma posição determinada na estrutura social.

A Legitimidade Discursiva está ligada, portanto, ao campo em que o enunciado é proferido e à sua aceitação como um discurso que pode e deve ser proferido. A crônica literária escolhida é um discurso do campo literário e suas condições de produção devem ser analisadas para que seja Legitimado, isto é, aceito por literatos, críticos literários, editoras, livreiros e leitores.

Discurso Legítimo

Enquanto a Legitimidade Discursiva está ligada ao campo, proponho discutir a questão do Discurso Legítimo, ligado ao discurso propriamente dito, ou espaço discursivo. Proponho esse ponto uma vez que o discurso pode ser legitimado e não ser legítimo ou ser legítimo e não ser legitimado.

Michel Foucault discute em sua obra a questão da ética e da verdade, busco apenas relevar a questão do discurso ser legítimo, ou “sincero”, do enunciador no processo de construção do DA. Não é a verdade maior que me é relevante, mas (se há) a intermitência de sinceridade, omissão, negação, verdadeiro empenho no que diz o enunciador. Com quantas verdades (ou “mentiras”) é construído o DA?

Pode-se construir um discurso ilegítimo dizendo apenas verdades ou construir um discurso legítimo com intermitências entre as verdades e mentiras. Muitas inverdades são aceitas no DA como demonstração de zelo e carinho. Mesmo que não possuam valor de verdade, fazem parte do ornamento desse discurso tão peculiar.

Na crônica selecionada, os enunciados serão analisados e discutidos a fim de se verificar se são legítimos, se possuem intermitências a fim de modalização ou construídos apenas na “ilegitimidade”. Claro que é um processo de análise que envolve cruzar os enunciados, ações e pensamentos do enunciador por meio do material linguístico. Não é um processo hermenêutico, mas de análise do corpus e cruzamento das marcas que são demarcadas.

Análise do corpus

Recortei alguns trechos para facilitar essa verificação das categorias previamente discutidas.

“Seria lindo um homem que enfrentasse perigos para me agradar, me conquistando.”

“Anda lendo muito livrinho para empregadas, assistindo Sessão da Tarde. Abre o olho, Marina!”

“Está aberto. Sonho de olhos abertos com a aventura que alguém possa viver por mim.”

Pude verificar nesse trecho a **Reversibilidade Discursiva** e o **Discurso Legítimo**.

A instauração do diálogo permite que um discurso se molde sobre o outro, aparecendo a Reversibilidade Discursiva. E, aparentemente, há sinceridade nas falas do enunciador que contrapõe Marina, possibilitando a percepção do Discurso Legítimo.

“Te quero, e bem vivo! Por que não usa a imaginação? Entre no meu circuito de onda! Seria mais engraçado. Custa me agradar? Tenho uma lista de tarefas. Concorda?”

“Posso ver?”

“Só depois de aceitar.”

“Vou pensar.”

“Viu? Não me quer! Não está apaixonado. Estivesse, não hesitaria, aceitaria na hora. Pode pensar, quanto quiser. Enquanto pensa, não nos encontramos.”

No trecho, há o mesmo caso do trecho anterior: **Reversibilidade Discursiva** e o **Discurso Legítimo**.

Reversibilidade surge por conta da construção desse discurso que se molda um sobre o outro. E é Legítimo pois o enunciador, aparentemente, recusa-se a aceitar a proposta de Marina.

“Não acreditei em Marina, porém, dito e feito. Sumiu. Saía do escritório mais cedo, eu esperava embaixo, nada. Na casa dela, os pais diziam que não estava.”

Pude perceber no trecho a quebra da reversibilidade, ou **Grau Zero, quebra do discurso**, segundo Orlandi. Não há diálogo, não há palavras de Marina nem sua presença. Faltou cooperação enunciativa para que se continuasse o DA.

“Depois de três dias, cheguei à conclusão que era bobagem me mostrar tão homem, não cedendo um pingô. O melhor seria uma conversa, mostrar a infantilidade daquela prova.”

Nesse trecho, há a **Retomada do Discurso Amoroso** por meio do **Discurso Legítimo**. O enunciador reflete e busca por meio do Discurso Legítimo retomar o relacionamento com Marina por meio de uma conversa. Essa “legitimidade” de suas intenções permite-me classificar seu discurso como Legítimo.

“De repente, me bateu: e se fosse mesmo experiência? Ao ver que me faltou humor e fantasia, decidi se afastar, refletir se vale a pena continuar comigo. Muito pé no chão. Seria um horror perder Marina. Não custa enfrentar uma prova. Vai ver, estou com medo de não me sair bem, ferir o meu amor próprio. Homem é bicho orgulhoso, adora se exhibir. Provas de amor! Ridículo. Não! Ridículo sou eu que endureci. Não custa abrandar, me entregar à brincadeira de uma mulher apaixonada. Posso ganhar pontos, e aumentar a cotação, nunca se sabe com uma mulher.”

A **Retomada do Discurso Amoroso** se dá por meio de um discurso que **não parece ser legítimo**. Desse modo, o enunciador cede aos caprichos de sua enamorada de maneira modalizada. Aceita a prova embora em seu íntimo ache ridícula tal situação.

“Mais fáceis que as de Hércules.”

“Depois das provas, Mylady estará à minha disposição. Para amar e servir?”

“Amar, sim. Servir será ponto de discussão...”

Pude verificar nesse trecho a **Reversibilidade Discursiva** e o **Discurso Legítimo**.

A instauração do diálogo permite que um discurso se molde sobre o outro. E aparentemente há sinceridade nas falas do enunciador e coenunciador.

“Primeira prova. Quero uma flor.”

“Uma flor? Tão simples!”

“Qualquer uma?”

“A amarela grande, daqueles canteiros no canto, à esquerda. São as mais vivas, minhas favoritas. Quero uma só, não mais. Não estrague os canteiros.”

“Não demoro um minuto!”

A **Reversibilidade** faz-se presente e a falta de sensibilidade coloca o discurso em uma intermitência quanto ao seu conteúdo **legítimo**. Pelo diálogo, é possível perceber que o enunciador negocia a prova a qual será submetido. A intermitência do conteúdo permite-me observar que há sinceridade em se submeter à prova, mas sua falta de sensibilidade demonstra que sua intenção não é tão sincera assim.

“Verdade, tinha se tornado ponto de honra. Percebi que além do desejo de Marina havia o desafio: o que há?”

O Discurso amoroso é **ilegítimo**, pois não está fazendo por Marina, mas por ele também.

“No elevador, as pessoas olhavam perplexas para aqueles dois homens de terno e gravata, sóbrios executivos, com um sorriso enorme e carregando com excessivo cuidado uma flor amarela. Cor berrante que se destacava dos cinzas das roupas e das paredes. Ao sair, alguns se voltavam encarando os homens com as flores. Depois, parece que se tocavam, sorriam cúmplices. Marina iria adorar e a mulher do síndico teria bela surpresa, ela que há anos não recebia uma flor.”

No último parágrafo do texto, destaco a **Legitimidade Discursiva** da crônica, pois a cena enunciativa permite a produção desses enunciados que a validam. Claro que por todo o texto, sua enunciação a valida, o destaque é apenas didático.

O jogo de narrador, alternando com falas e um narrador observador, reforça a tipologia narrativa. A história que parte de uma cena comum autoriza o gênero de discurso crônica literária.

Resultados e últimas reflexões

Como resultado, tive a confirmação de que as três categorias poderiam ser encontradas na crônica. A Reversibilidade Discursiva está presente quando há formulações e reformulações do DA a partir das trocas de turno e quando um novo embate discursivo acontece. A Legitimidade Discursiva se dá por toda a crônica, pois sua condução narrativa e os elementos da materialidade linguística me permitiram enxergar sua validação enquanto gênero do discurso; isso considerando apenas os elementos textuais, já que podia considerar elementos paratextuais. O Discurso Legítimo surgiu de uma necessidade para categorizar a maneira como o enunciador conduz seus argumentos e seu processo de “manutenção” amorosa.

Durante o processo de análise, percebi, principalmente, que seria necessário pensar sobre o espaço discursivo propriamente dito ao tratar da Legitimidade Discursiva. O conceito incorporado por Maingueneau, a partir dos estudos do sociólogo Pierre Bourdieu, diz respeito ao campo discursivo e sua legitimidade perante a sociedade. Não bastaria trazer esse conceito para o espaço discursivo a fim de vulgarizar a concepção ampla e organizada de Legitimidade Discursiva quando confrontada com as concepções de discurso, campo, formação discursiva e interdiscurso.

Essa noção está interligada com a questão da gênese do discurso e sua relação no arquivo discursivo. Levá-la ao plano do espaço discursivo não seria aproveitar de todo seu conceito filosófico e sociológico. Para tanto, senti a necessidade de discutir uma espécie de “modalização discursiva” e, em se tratando de Análise do Discurso, não pude ficar apenas na análise do conteúdo e tive de partir para a análise parafilosófica considerando o discurso como o espaço de embates das formações discursivas em concorrência. Simplificando, o enunciador carrega em seu discurso os interdiscursos não só dos campos subjacentes como do próprio espaço discursivo e seu discurso não pode ser reduzido apenas à verdade ou mentira,

polidez ou modalização; isso necessita de uma visão mais ampla sobre a discursividade em questão.

O analista necessita considerar as condições sócio-históricas de produção, posicionamento no campo, a própria reversibilidade discursiva, o ethos desse enunciador, os possíveis interdiscursos etc., para se começar a pensar em possíveis efeitos de sentido. Tratar o discurso em alguns momentos como legítimo ou ilegítimo permitiu-me considerar as possibilidades que a análise do discurso considera na gênese de um discurso, respeitando os conceitos já discutidos, as teorias enunciativo-discursivas de Maingueneau e uma singela contribuição para a reflexão acerca de um detalhe sobre o enunciador que necessita estar adequado ao seu coenunciador.

Não bastaria dizer que o amante diz da “boca para fora” algumas bonitas palavras para seduzir e convencer a amada. Em se tratando de análise discursiva, levo em consideração também a questão geográfica e cultural. A análise do discurso necessita de uma visão sul-americana, brasileira, para sua análise. Tornar o discurso ilegítimo e alterná-lo com enunciações legítimas não o (des)qualifica como falso ou não verdadeiro; é apenas uma estratégia (in)consciente desse enunciador que busca a adesão de seu objeto amado.

Portanto, considere a legitimidade inerente ao campo discursivo, isto é, literário, ao passo que se fez necessário avaliar o espaço discursivo para chegar ao conceito de discurso legítimo ou ilegítimo a fim de se ampliar as condições para os efeitos de sentido emergirem.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. Org. Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Difícil prova de amor. In: BRANDÃO, Ignácio de Loyola et al. *Crônicas de amor*. São Paulo: Ceres, 1988.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996

_____. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. *Dozes conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

_____. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2012.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento - as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Análise do discurso - princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 1999.

ABSTRACT

In the chronicle analyzed in this paper, I handle amorous discourse, more specifically the love of a straight couple in the end of twentieth century. The aim of this research is to propose an exercise of analysis about the amorous literary discourse using two categories: Discursive Reversibility and Discursive Legitimacy in the chronicle “Difícil prova de amor”, written by Ignácio Loyola Brandão. The theoretical reference used is Discourse analysis developed in France, mainly the studies by Dominique Maingueneau and Eni Orlandi, besides contributions from sociology, namely Pierre Bourdieu. Methodologically, the text will be analyzed and its principal marks of Reversibility and Legitimacy will be highlighted and discussed.

Keywords: Amorous discourse. Discursive reversibility. Discursive legitimacy

Envio: Setembro/2014

Aprovação para publicação: Abril/2015

ANEXO I

DIFÍCIL PROVA DE AMOR

“Simples, quero provas do seu amor.”

“Te dou tantas. Existe homem que dê mais atenção que eu à mulher amada?”

“Miudezas cotidianas. Desejo uma grande prova. Que você enfrente uma situação em que demonstre estar disposto a tudo, por mim.”

“Não entendo.”

“Porque é pouco romântico. Os homens de hoje se orgulham de viver com o pé no chão, dentro de sua época. Mas eu adoraria ter o homem de minha época, com a cabeça perdida em outros tempos.”

“Compreendo cada vez menos.”

“Seria lindo um homem que enfrentasse perigos para me agradar, me conquistando.”

“Não me diga que preciso enfrentar um dragão bufando fogo, para salvar a moça presa na torre do castelo?”

“Mais ou menos”.

“Anda lendo muito livrinho para empregadas, assistindo Sessão da Tarde. Abre o olho, Marina!”

“Está aberto. Sonho de olhos abertos com a aventura que alguém possa viver por mim.”

“Impossível. Não há mais torres, rainhas malvadas, os dragões foram extintos, os duendes malignos se esconderam longe das florestas devastadas, as cavernas foram todas exploradas pelos pesquisadores.”

“Amor! Sou pé no chão! Não quero nada disso! Pensei em coisas simples, ao nosso alcance. Perigos atuais como atravessar uma rua, às seis horas da tarde, sinal aberto para os carros. Olhando apaixonado para mim que te espero do outro lado da calçada. Enquanto você caminha imperturbável, corajoso, indiferente ao movimento e aos motoristas raivosos, freiando, xingando, querendo te matar.”

“Você é que quer me matar.”

“Te quero, e bem vivo! Por que não usa a imaginação? Entre no meu circuito de onda! Seria mais engraçado. Custa me agradar? Tenho uma lista de tarefas. Concorda?”

“Posso ver?”

“Só depois de aceitar.”

“Vou pensar.”

“Viu? Não me quer! Não está apaixonado. Estivesse, não hesitaria, aceitaria na hora. Pode pensar, quanto quiser. Enquanto pensa, não nos encontramos.”

Não acreditei em Marina, porém, dito e feito. Sumiu. Saía do escritório mais cedo, eu esperava embaixo, nada. Na casa dela, os pais diziam que não estava. Pensei em montar guarda diante de sua porta, mas seria muita humilhação. Problema dela. Depois de três dias, cheguei à conclusão que era bobagem me mostrar tão homem, não cedendo um pingão. O melhor seria uma conversa, mostrar a infantilidade daquela prova. Bem, não posso dizer que Marina é infantil. Mulher segura, decidida, madura, perto dela me sinto um garoto de nove anos. Isso, um meninão, desejando se mostrar homem. Intolerante e sem o mínimo senso de humor. Vai ver, ela brincou. Fez um teste, sugerindo imaginação e divertimento, coisas que não prejudicam um relacionamento. Ao contrário! A vida não precisa ser tão a sério.

De repente, me bateu: e se fosse mesmo experiência? Ao ver que me faltou humor e fantasia, decidi se afastar, refletir se vale a pena continuar comigo. Muito pé no chão. Seria um horror perder Marina. Não custa enfrentar uma prova. Vai ver, estou com medo de não me sair bem,

ferir o meu amor próprio. Homem é bicho orgulhoso, adora se exhibir. Provas de amor! Ridículo. Não! Ridículo sou eu que endureci. Não custa abrandar, me entregar à brincadeira de uma mulher apaixonada. Posso ganhar pontos, e aumentar a cotação, nunca se sabe com uma mulher.

Decidi. Deixei recados com as colegas do escritório, na casa dela e no single bar que ela frequenta: “Digam que estou disposto, vou me submeter às tarefas.”

“Então, meu cavalheiro, está pronto?”

“Sim, gentil dama! Pronto a vos servir.”

Esqueci de dizer que também vi alguns filmes, situados na idade média, na época da cavalaria e me entusiasmava com os torneios. Lembrei-me dos tempos de escola, quando o professor de português obrigava a analisar os cantos, lendas, os feitos do Cid campeador. Naquele tempo, considerava uma tolice, nada daquilo me faria ganhar dinheiro. Hoje, vejo. Pode me ajudar a ganhar a mulher que amo. Exagero? É que não estão apaixonados.

“São doze provas.”

“Como as de Hércules?”

Sobre Hércules eu tinha lido em Monteiro Lobato. O Super Rambo dos tempos clássicos na Grécia, o herói mais forte do universo, ajudou Atlas a segurar o mundo nos ombros. Daria tudo para ver uma luta de Hércules contra Mike Tyson.

“Mais fáceis que as de Hércules.”

“Depois das provas, Mylady estará à minha disposição. Para amar e servir?”

“Amar, sim. Servir será ponto de discussão...”

Rimos.

“Vamos às provas, minha dama. Meu cavalo e minha lança passaram a noite em vigília, orando na capela.”

“Bar virou capela! Mas gostei, tem poesia, e saiba que vamos ter muitas noites de vigília. Sem cavalos e lanças.”

“Estou ansioso, inquieto. Vamos à primeira aventura.”

“Primeira prova. Quero uma flor.”

“Uma flor? Tão simples!”

“Uma flor de canteiro especial. De um jardim suspenso.”

“Eles existiam na Babilônia. E essa se foi, há muito tempo.”

“Está vendo o prédio em frente?”

“Esse novo? É o mais famoso da avenida, um projeto incrível.”

“Observe o terraço. Olha o jardim que alguém plantou. Coisa mais linda, nem parece o alto de um edifício em São Paulo. Tudo verde. Adoro aquele lugar, segui o jardineiro, dia a dia, cuidando de tudo, no final da tarde. Quando estou cansada, contemplo os canteiros, me descontraio. Pois bem, tudo o que você precisa fazer é ir ali e me trazer uma flor.”

“Qualquer uma?”

“A amarela grande, daqueles canteiros no canto, à esquerda. São as mais vivas, minhas favoritas. Quero uma só, não mais. Não estrague os canteiros.”

“Não demoro um minuto!”

Parecia fácil, desci, atravessei a rua, entrei no prédio, me dirigi aos elevadores, fui interceptado por dois seguranças.

“Onde vai? Não pegou o crachá.”

“Não sabia que precisava. Não vou visitar ninguém, só vou ao terraço.”

Os dois se entreolharam.

“Não tem nenhuma empresa no terraço. Vai fazer o que, lá?”

“Buscar uma flor.”

“Uma flor? No terraço? O que está dizendo? Gozando com a nossa cara?”

“Minha namorada me pediu uma flor, daqueles canteiros do terraço, vou lá em cima ver se consigo uma.”

“Não conhecemos nenhum jardim no terraço. E essa história é muito mal contada, inventa outra para subir sem crachá, quem sabe a gente acredita.”

“Verdade, juro, podem subir comigo, só quero uma flor.”

“Se quer flor, vai a uma floricultura, não venha com histórias para cima da gente, o que há meu? Vai saindo.”

Insistir com seguranças é tempo perdido, resistir bobagem descarada. Fui a uma papelaria, pedi a lista telefônica de endereços, escolhi uma firma do décimo segundo andar. Esperei retornei mais tarde, quando vi que tinha havido troca de turnos, eram outros funcionários. Recebi o crachá marrom, não fiquei no décimo segundo, fui ao último. Ao me ver sair, o ascensorista chamou.

“O crachá marrom é para o décimo segundo, não pode sair aqui, volte comigo, o senhor se enganou.”

“A recepcionista é que se enganou. Preciso vir aqui.”

“Deve descer, trocar o crachá, voltar.”

“Não tem importância a cor do crachá. Resolveu meu assunto, me vou.”

“De modo algum. Desça comigo!”

“Bem, me deixe no décimo segundo.”

Cogitei que poderia descer, enganar a portaria, procurar a escada. Não houve jeito, o elevador me despejou em frente da recepcionista. Perguntou com quem eu queria falar, disse um nome qualquer. Não existia. “Acho que me enganei, vou verificar, me desculpe”. Fiquei parado um pouco, observando em torno, para ver se havia um jeito de sair pela escada. Desconfiada, a recepcionista acenou para o segurança que se aproximou, grudou-se em mim, ficou até que o elevador me recolheu, derrotado. Por enquanto. Começava a ficar irritado, não com Marina, e sim com estes obstáculos provocados pela rotina massacrante.

No dia seguinte, comecei a me armar melhor. Telefonei para a empresa do último andar, uma fábrica de tintas, consegui o nome do diretor de comunicação, marquei entrevista. A agenda do homem cheia, consegui horário para três dias depois. Tive receio que a flor amarela não suportasse, é pleno verão, o sol torra tudo. A espera foi boa, me deu tempo de forjar um falso plano cultural à procura de patrocínio, o que me custou a noite inteira a espremer a cabeça, mais o pagamento da datilógrafa. Compareci ao encontro com o homenzinho, um pedante exigente, cheio de má vontade. Mal me ouviu sintetizar o plano – deve receber dez por dia – mandou deixar, depois me telefonaria. Estava louco para encerrar a entrevista, mal sabendo que eu tinha mais pressa que ele. Queria sumir da sala, procurar a escada, correr ao terraço, apanhar a flor. Através da janela tentei ver se Marina estava à mesa dela, fiquei imaginando a cara, quando recebesse a flor. O pedante me estendeu a mão, deu por terminada a entrevista. À saída, fingi aperto, a secretária me indicou o banheiro no fundo do corredor, fiz que fui, não fui, desviei na porta de emergência. Alívio. Subi rápido, bati com a cara na porta do terraço.

Trancada. O que me deixou indignado. Como fechar um acesso de segurança? E se houvesse um incêndio? O momento não era para protestos cívicos, precisava resolver um caso pessoal. Abrir a fechadura. Apanhei na maleta um clip metálico, abri, deixei retinho e comecei a manejar. Sempre vejo a facilidade com que heróis de filmes fazem isso. Pensar que por trás daquela porta estava a flor desejada por Marina. E inacessível, porque a porta não se abria. Desespero. A um passo do objetivo, e nada. O coração de Marina se distanciava. Exagero, claro, mas sofri um pouco na hora, quem não curte uma dorzinha?

No térreo, perguntei pelo zelador.

“Está de férias.”

“Na ausência dele quem fica com a chave do terraço?”

“O síndico.”

“Quero falar com ele.”

“Da parte de quem? Qual empresa?”

“De minha parte, é particular.”

A recepcionista ligou para algum lugar, tapou o bocal, perguntou: “Ele quer saber a respeito do que?”

“Diga que preciso subir ao terraço.”

“Quem saber para que?”

Falava comigo, falava ao telefone. Não me deixou falar direito.

“Quero ter uma conversa com ele, então explico tudo.”

“Acontece que o síndico é gerente administrativo de uma companhia e só pode atendê-lo fora do expediente. E hoje ele tem um jantar em família. Amanhã, talvez possa arranjar uma vaga, depois das 18:30.”

“Tudo que quero é uma flor.”

“Flor?”

“Que está num dos canteiros do terraço.”

“Ele não está entendendo, e está muito ocupado, precisa desligar. Pediu que volte outro dia.”

“Pode me dizer o nome dele, me dar o telefone? Ligo direto.”

“Volte outro dia.”

“Custa me dar o telefone? O que é isto aqui? Campo de concentração? O homem é tão importante assim? O que pensam que este prédio é?”

“Nada disso. Acha que o síndico tem tempo a perder com uma flor?”

O tom não admitia contestações. Comecei a ficar irritado. Será que Marina sabia destas mesquinhas dificuldades? Estava se transformando numa aventura absurda apanhar a pequena flor amarela no alto do edifício. Na minha cabeça, achava que a menção da palavra flor estimulasse a curiosidade das pessoas, tocasse a poesia que deve existir em cada um. Não podemos estar tão endurecidos assim. Ah, talvez seja o medo. Quem garante que não sou um vigarista aprontando novo golpe? Um assaltante com ideias diferentes? A segurança corrói a poesia. Pensando coisas assim, desconexas para quem não está amando e não tem uma pitoresca tarefa imposta pela namorada, me fui.

Andando, passei por floriculturas. E se comprasse? Certeza de que Marina não saberia distinguir de sua janela a planta que cresceu nos canteiros. No entanto, algo que posso definir como pinguinho de consciência e amor próprio me chamou às falas: comprar significaria entregar os pontos, falsificar a missão, corromper a ideia do projeto. Não me sentiria bem ao entregar uma flor comprada, estaria mentindo. Marina deveria ouvir esta reflexão, ficaria orgulhosa. Não sou inteiro racional, tenho farta dose de romantismo, tanto que embarquei na dela. Não sou caso perdido! Reflexões nada profundas, diga-se de passagem.

Esperar mais um dia. A flor resistiria? Emprestei um binóculo, fui ao escritório onde Marina trabalha, examinei as condições dos canteiros. Pareceram razoáveis. Tentei novo contato com o síndico (tenho sorte cada vez que mudam o turno de empregados), ganhei dez minutos de audiência. Incrível, ninguém parece ter tempo para nada. Falando nisso, meu superintendente perguntou sobre minha produção. Caiu bem nos últimos dias. “Agora ando ocupado com a flor”, respondi. Verdade, tinha se tornado ponto de honra. Percebi que além do desejo de Marina havia o desafio: o que há? Tenho de chegar àquele terraço. Nem que alugue um helicóptero. Ou jogue uma prancha entre dois prédios, como faziam os antigos piratas para abordar navios. Quem sabe, uma corda daquelas utilizadas pelo Batman ou pelo Homem-

Aranha para se deslocarem pelo espaço? Posso me enfiar num canhão, como o homem bala do circo e ser projetado para o terraço. Saltar de paraquedas. Subir pela lateral como o Homem-Mosca. Alongar meus braços como o homem borracha. Estas, as soluções não humanas. Pé no chão, mesmo, não havia outro recurso senão o zelador. Coração nas mãos, entrei na sala. O homem tinha cara simpática.

“Então, precisa ir ao terraço?”

“Justamente.”

“Não me disseram direito por quê. Mencionaram uma flor?”

“Exato.”

“Pode me explicar?”

Contei tudo, com detalhes, o homem sorriu.

“As mulheres têm uma cabeça interessante. Colocam fantasia na vida, não acha? Deve gostar muito dessa namorada.”

“E gosto.”

“Quando tivemos contato, ontem, a recepcionista falou com minha secretária, não fui eu que atendi pessoalmente, estava ocupado. Quer dizer que existem flores em nosso terraço?”

“Está todo ajardinado.”

“Nunca subi ali, não tenho tempo, nem motivos. Mas o nosso zelador, o Analdino, é uma figura curiosa.”

“Existe um verdadeiro jardim suspenso.”

“Vou subir com o senhor! Me intrigou! E por que uma flor do nosso terraço? Não pode ser outra?”

“Dali, de onde minha namorada trabalha, ela vê essas flores, todos os dias. E quis uma. Capricho.”

Ele abriu a porta do terraço, entramos num oásis fresco e verde. À nossa volta, os outros edifícios com terraços cinzas e empoeirados, anônimos e tristes, pareciam pertencer a um outro planeta. E, na verdade, o diferente era aquele ali, dominado pelo perfume das flores. Foi um momento de bem-estar, nunca iria supor esta sensação tão forte dentro de mim. Alguma coisa também se passou com o síndico, porque olhávamos as flores em silêncio, os canteiros bem cuidados, formando desenhos simplórios, mas comoventes. Olhei para o prédio de Marina, ela estava à janela, me acenou. A primeira tarefa estava cumprida. Quais seriam as outras?

“Escolha a sua flor. Apanhe uma, não vamos estragar o jardim. Aliás, dá muito dó apanhar qualquer uma delas. Precisamos divulgar este jardim, vai melhorar a imagem do prédio.”

Apanhei a flor, mostrei à Marina. O meu “troféu, meu triunfo.”

“Acho que também vou levar uma para minha mulher. Ela vai gostar. Deve fazer alguns anos que não mando, ou levo uma flor para ela. A gente perde certos hábitos.”

No elevador, as pessoas olhavam perplexas para aqueles dois homens de terno e gravata, sóbrios executivos, com um sorriso enorme e carregando com excessivo cuidado uma flor amarela. Cor berrante que se destacava do cinza das roupas e das paredes. Ao sair, alguns se voltavam encarando os homens com as flores. Depois, parece que se tocavam, sorriam cúmplices. Marina iria adorar e a mulher do síndico teria bela surpresa, ela que há anos não recebia uma flor.